

PROTESTO

Carlos de Assumpção,¹ Franca

Mesmo que voltem as costas
Às minhas palavras de fogo
Não pararei de gritar
Não pararei
Não pararei de gritar

Senhores
Eu fui enviado ao mundo
Para protestar
Mentiras ouropéis nada
Nada me fará calar

Senhores
Atrás do muro da noite
Muitos dos meus ancestrais
Já mortos há muito tempo
Reúnem-se em minha casa
E nos pomos a conversar
Sobre coisas amargas

Sobre grilhões e correntes
Que no passado eram visíveis
Sobre grilhões e correntes
Que no presente são invisíveis
Invisíveis mas existentes
Nos braços no pensamento
Nos passos nos sonhos na vida
De cada um dos que vivem
Juntos comigo enfeitados da Pátria

1 Carlos de Assumpção nasceu na cidade de Tietê, SP. Atualmente mora em Franca e tem 95 anos. Recebeu o título de cidadão francano e campineiro. Tem o título de Personalidade Negra, da Associação Cultural do Negro. Formado em Direito e Letras. Seu famoso poema “Protesto” simbolizou a ascensão e as reivindicações da intelectualidade negra do Estado de São Paulo, tornando-se referência obrigatória para as novas gerações. Foi incluído em diversas antologias em inglês, francês e alemão e, recentemente, foi teatralizado. Memórias e declamações do poeta foram exibidas no filme documentário, *Carlos de Assumpção: Protesto*, lançado em 2019, de autoria e direção de Alberto Pucheu. É membro da Academia Francana de Letras e considerado um dos decanos da literatura afro-brasileira.

Senhores
O sangue dos meus avós
Que corre nas minhas veias
São gritos de rebeldia

Um dia talvez alguém perguntará
Comovido ante meu sofrimento
Quem é que está gritando
Quem é que lamenta assim
Quem é

E eu responderei

Sou eu irmão
Irmão tu me desconheces
Sou eu aquele que se tornara
Vítima dos homens
Sou eu aquele que sendo homem
Foi vendido pelos homens
Em leilões em praça pública
Que foi vendido ou trocado
Como instrumento qualquer
Sou eu aquele que plantou
Os canaviais e cafezais
E os regou com suor e sangue
Aquele que sustentou
Sobre os ombros negros e fortes
O progresso do País
O que sofrera mil torturas
O que chorara inutilmente
O que dera tudo o que tinha
E hoje em dia não tem nada
Mas hoje grito não é
Pelo que já se passou
O que se passou é passado
Meu coração já perdoou
Hoje grito meu irmão
É porque depois de tudo
A justiça não chegou
.
Sou eu quem grita sou eu
O enganado no passado
Preferido no presente

Sou eu quem grita sou eu
 Sou eu meu irmão aquele
 Que viveu na prisão
 Que trabalhou na prisão
 Que sofreu na prisão
 Para que fosse construído
 O alicerce da nação
 O alicerce da nação
 Tem as pedras dos meus braços
 Tem a cal das minhas lágrimas
 Por isso a nação é triste
 É muito grande mas triste
 E entre tanta gente triste
 Irmão sou eu o mais triste

A minha história é contada
 Com tintas de amargura

Um dia sob ovações e rosas de alegria
 Jogaram-me de repente
 Da prisão em que me achava
 Para uma prisão mais ampla
 Foi um cavalo de Tróia
 A liberdade que me deram
 Havia serpentes futuras
 Sob o manto do entusiasmo
 Um dia jogaram-me de repente
 Como bagaços de cana
 Como palhas de café
 Como coisa imprestável
 Que não servia mais pra nada
 Um dia jogaram-me de repente
 Nas sarjetas da rua do desamparo
 Sob ovações e rosas de alegria

Sempre sonhara com a liberdade
 Mas a liberdade que me deram
 Foi mais ilusão que liberdade

Irmão sou eu quem grita
 Eu tenho fortes razões
 Irmão sou eu quem grita
 Tenho mais necessidade

De gritar que de
respirar

Mas irmão fica sabendo
Piedade não é o que eu quero
Piedade não me interessa
Os fracos pedem piedade
Eu quero coisa melhor
Eu não quero mais viver no porão da sociedade
Não quero ser marginal
Quero entrar em toda parte
Quero ser bem recebido
Basta de humilhações
Minh'alma já está cansada
Eu quero o sol que é de todos
Quero a vida que é de todos
Ou alcanço tudo o que eu quero
Ou gritarei a noite inteira
Como gritam os vulcões
Como gritam os vendavais
Como grita o mar
E nem a morte terá força
Para me fazer calar
(Marília, SP, 1956)